



A BRUXA

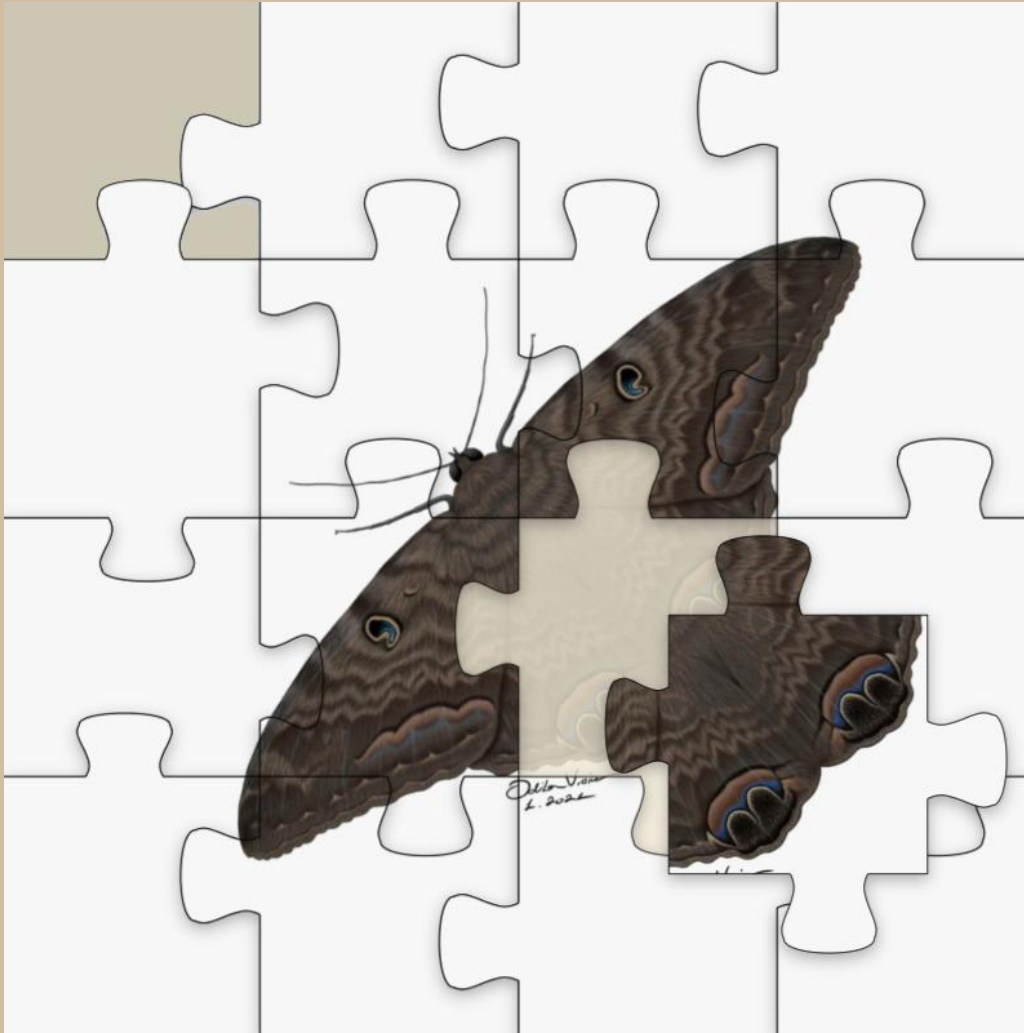
UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 10

abril 2026



1

Da-Silva, E.R. 2026. Irã sob ataque – biodiversidade, animais domésticos e patrimônio natural em risco **A Bruxa 10(1): 1-10.**

Menezes, M.R.; Villa, A.R.; Mendoza, E.A.G. & Chan, V.M.C. 2026. Comunicação - Draculita: os vampiros são latinos **A Bruxa 10(1): 11-15.**



COMUNICAÇÃO

Draculita: os vampiros são latinos

Mariana Romanini Menezes^{1*}; Alejandro R. Villa²; Emma Andrea Gómez Mendoza²
& Víctor Manuel Caballero Chan³

1- Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, ICBS, UFRRJ, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil

2- Instituto de Ecología A.C., Programa de Doctorado en Ciencias, Xalapa, Veracruz, México

3- Tecnológico Nacional de México/I.T. Conkal, Av. Tecnológico s/n C.P. 97345, Conkal, Yucatán

*marianaromanini@ufrj.br

RESUMO

Na literatura europeia, as histórias de vampiros apareceram muito antes de se saber a existência de morcegos sugadores de sangue (subfamília Desmodontinae). Além disso, das cerca de 1.500 espécies de morcegos, apenas três (0,2%) realmente bebem sangue e elas são encontradas exclusivamente na América Latina. Então, como os vampiros foram associados aos morcegos sugadores de sangue nas histórias de vampiros? Este artigo examina a relação histórica entre os vampiros na literatura e os morcegos a eles ligados. Também analisamos o papel e o significado dos morcegos vampiros e de outros animais sugadores de sangue menos conhecidos.

Palavras-chave: Desmodontinae; hematofagia; morcegos; Phyllostomidae.

ABSTRACT

Draculita: Vampires are Latinos

In European literature, vampire stories appeared long before the existence of blood-sucking bats (subfamily Desmodontinae) was known. Additionally, out of the about 1,500 bat species only three (0.2%) actually drink blood and they are found exclusively in Latin America. So, how did vampires become associated with blood-sucking bats in vampire stories? This article examines the historical relationship between vampires in literature and the bats often associated with them. We also look into the role and significance of vampire bats and other lesser-known blood-sucking animals.

Keywords: bats; Desmodontinae; hematophagy; Phyllostomidae.

VAMPIROS... EUROPEUS?

Os vampiros são uma das criaturas mitológicas do folclore europeu mais famosas que já existiram. São descritos como seres que habitam o mais profundo da obscuridade e da noite, e que se alimentam de sangue humano para conservar sua imortalidade. Os vampiros aparecem pela primeira vez em contos e livros de terror a partir do século XIX na Europa: **O Vampiro**, de John POLIDORI (1819), **Carmilla**, de Sheridan LE FANU (1872), e **Drácula**, de Bram STOKER (1897), são marcos importantes da literatura que ajudaram a criar no imaginário popular uma imagem comum do vampiro: um ser humano amaldiçoado, obrigado a viver nas trevas, de pele pálida, com alimentação baseada no consumo de sangue humano e vinculado a animais noturnos, principalmente os morcegos (LECOUTEX, 2005; MEEHAN, 2014).

Atualmente, a relação entre vampiros e morcegos é uma das mais triviais – se alguém pensa em vampiro, pensa em morcegos. Entretanto, o surpreendente é que, das cerca de 1.500 espécies de morcegos que existem no planeta (SIMMONS & CIRRANELLO, 2025), somente três são hematófagas, ou seja, alimentam-se de sangue, e todas vivem na América Latina. Então, se os únicos morcegos que chupam sangue são latinos, por que eles são associados aos vampiros? Como surgiu essa relação tão estreita entre criaturas europeias e latino-americanas no século XIX? Para responder a essas perguntas, devemos explorar a história dos vampiros na ciência e na literatura.



OS VERDADEIROS CHUPASSANGUE

Se ainda existem dúvidas, os vampiros não existem. O que, sim, existem são os morcegos hematófagos. Esses são exclusivamente latino-americanos e habitam desde o norte do México até o sul da América do Sul, em países como Colômbia, Brasil, Peru, Argentina e Chile (WILSON & REEDER, 2005; KWON & GARDNER, 2008; BARQUEZ *et al.*, 2015). Todos pertencem à subfamília Desmodontinae (Chiroptera: Phyllostomidae) e, até hoje, só existem três espécies descritas (Figura 1): o morcego-vampiro [*Desmodus rotundus* (Geoffroy, 1810)], o morcego-vampiro-de-perna-peluda (*Diphylla ecaudata* Spix, 1823) e o morcego-vampiro-de-asa-branca [*Diaemus youngi* (Jentink, 1893)]. Assim, à medida que nos aprofundamos no mundo dos morcegos latinos que se alimentam de sangue, é difícil imaginar um vampiro caucasiano tradicional ao pensar em um humano que se transforma em morcego hematófago (Figura 2).



Figura 1. Espécies de morcegos hematófagos: **A)** morcego-vampiro (*Desmodus rotundus*); **B)** morcego-vampiro-de-perna-peluda (*Diphylla ecaudata*); **C)** morcego-vampiro-de-asa-branca (*Diaemus youngi*). Fotos de Juan Cruzado, fonte **iNaturalist**, licença CC BY 4.0 Attribution 4.0 International Deed.

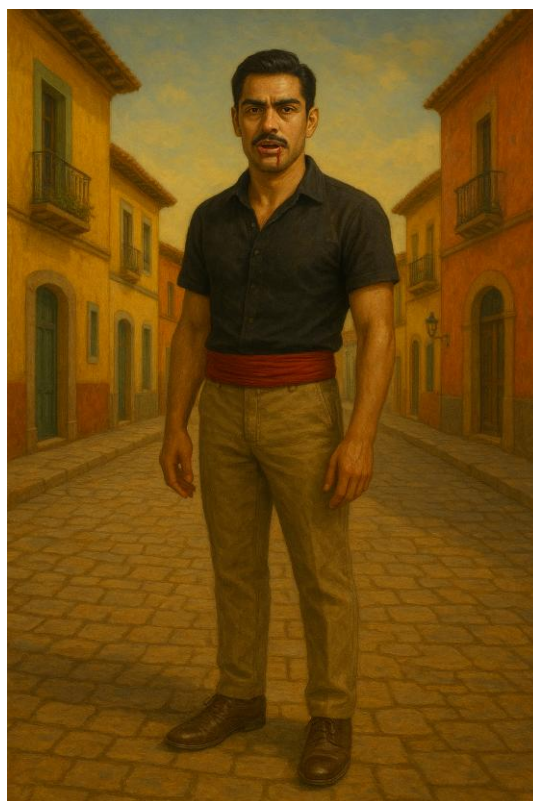


Figura 2. Representação de um vampiro com feições latinas, vestido com roupas próprias para os trópicos, nas ruas de uma cidade latina colonial fictícia gerada por inteligência artificial. Fonte: **ChatGPT** (a partir de prompt dos autores).



A ORIGEM DO MITO

O mito dos vampiros surge muito antes da descoberta dos morcegos hematófagos pelos europeus. Esses morcegos foram mencionados pela primeira vez por cronistas espanhóis a partir do século XVI, que descreveram morcegos que chupavam sangue de cavalos e pessoas nas colônias americanas. Quando os europeus conheceram esses morcegos, associaram-nos de imediato às lendas de vampiros devido à sua dieta baseada em sangue. Foi somente em 1810 que o naturalista francês Étienne Geoffroy Saint-Hilaire descreveu formalmente o vampiro-morcego, incluindo-o no sistema linneano de taxonomia como *Desmodus rotundus*. Um pouco depois, descobriram mais duas espécies de morcegos hematófagos, que foram agrupadas na família dos morcegos tropicais Phyllostomidae, onde permanecem até hoje (SIMMONS & CIRRANELLO, 2025). O descobrimento desses animais e a série de coincidências na forma como se alimentam de suas presas foram a chave para que a imagem do morcego se convertesse em um vampiro no imaginário coletivo.

ENTRE A BIOLOGIA E A FICÇÃO

Ainda que a hematofagia seja apenas um tipo de alimentação, como a carnívoria ou o parasitismo, os morcegos da subfamília Desmodontinae não caçam como outros animais. Eles caçam somente à noite e, diferentemente de outros morcegos, não emitem som para localizar sua presa. Em vez disso, utilizam o olfato e a audição para detectar outros animais (GREENHALL, 1972). Quando encontram sua presa, aproximam-se rapidamente, movendo-se pela terra e correndo! Assim que chegam ao hospedeiro, examinam onde o fluxo de sangue é maior usando sensores no nariz. Quando estão em posição, usam seus dentes para fazer um pequeno, mas preciso, corte na pele. Após isso, cobrem a ferida com sua saliva, que contém uma glicoproteína chamada draculina, que funciona como um anticoagulante, fazendo com que o sangue flua constantemente do corte. Finalmente, alimentam-se do sangue da ferida, não chupando, mas lambendo o sangue que escorre com a língua! Além disso, parece que alguns desses vampiros têm uma preferência alimentar: enquanto o morcego-vampiro (*Desmodus rotundus*) é considerado generalista, seus parentes, morcego-vampiro-de-perna-peluda (*Diphylla ecaudata*) e morcego-vampiro-de-asa-branca (*Diaemus youngi*), preferem sangue humano ou de aves (VOIGT & KELM, 2006).

A IMPORTÂNCIA ECOLÓGICA DA HEMATOFAGIA

Embora seja comum associar esses animais ao medo e às histórias de terror, os morcegos vampiros são importantes para o ecossistema. São parte de uma rede trófica e contribuem para o fluxo de nutrientes nos ecossistemas. Em geral, as espécies hematófagas são essenciais na manutenção da biodiversidade e no controle das populações de outras espécies. Um exemplo clássico de hematofagia é o dos mosquitos. Esses insetos pertencem à família Culicidae (Diptera) e são conhecidos por serem os insetos chatos que picam nas noites de verão. Com mais de 3.500 espécies no mundo, são insetos aquáticos, pois sua vida depende de uma fase na água: é ali que as fêmeas ovipositam e as larvas crescem. Por falar em fêmeas, a estratégia dessas “mosquitas” é particular – usam a hematofagia para obter proteínas e desenvolver os ovos. Assim, essa estratégia alimentar é utilizada somente pelas fêmeas para garantir o sucesso reprodutivo. E ainda que os mosquitos sejam temidos como transmissores de doenças como dengue, zika e malária, sua história natural revela um grupo com uma surpreendente diversidade de comportamentos e uma relevância ecológica muito maior do que o incômodo de uma picada (HARRISON *et al.*, 2021). Os adultos geralmente se alimentam de néctar. Além disso, são predados desde a fase larval até a adulta, sendo uma importante fonte de alimento para peixes, anfíbios, aves e morcegos.

ALÉM DOS MORCEGOS E MOSQUITOS: OUTROS CHUPASSANGUES NÃO TÃO CONHECIDOS

Até agora, focamos em explorar a hematofagia de morcegos e um pouco em mosquitos; entretanto, esse tipo de alimentação existe em milhares de espécies de todos os tamanhos, formas e cores. Muitos animais hematófagos são insetos, como mosquitos (família Culicidae), moscas (famílias Tabanidae,



Simuliidae, Phlebotominae – Diptera), percevejos (família Reduviidae – Hemiptera) ou piolhos (Anoplura), mas a hematofagia também é reportada em outros vertebrados, como peixes (lampreias) e até aves! Como no caso do tentilhão-vampiro (*Geospiza septentrionalis* Rothschild & Hartert, 1899 – Passeriformes: Thraupidae) das Ilhas Galápagos. Essa ave é onívora, mas em momentos de escassez de recursos pode se alimentar de sangue de outras aves; seu intestino possui uma microbiota parecida com a dos morcegos hematófagos e é um animal tão peculiar que já foi citado em livros de cultura popular (MEEHAN, 2014; MICHEL *et al.*, 2018; SONG *et al.*, 2019). Outro caso extremo e fascinante de hematofagia é o das mariposas-vampiro, porque, quando pensamos em insetos que se alimentam de sangue, o primeiro que vem à mente são os mosquitos, mas algumas mariposas do gênero *Calyptra* Ochsenheimer, 1816 (Lepidoptera: Erebiidae) também são hematófagas (Figura 3).



Figura 3. A) Mariposa hematófaga *Calyptra thalictri*, foto de Александр Корепанов. B) Probóscide de *C. thalictri*, foto de Cossus. Ambas com licença CC BY-NC 4.0 Attribution-NonCommercial 4.0 International Deed. Fonte: iNaturalist.

Diferentes dos nossos amigos morcegos hematófagos, essas mariposas vivem na Ásia, na África e em partes da Europa. Apesar de se alimentarem majoritariamente de frutas, algumas têm a capacidade de perfurar a pele de mamíferos, incluindo animais grandes e ocasionalmente humanos, para sugar sangue. O mais curioso é que essa conduta é observada apenas nos machos, que possuem uma probóscide especializada com ganchos e farpas. Esse órgão funciona como uma serra dupla: suas duas metades se alternam para rasgar a pele, atingir os vasos sanguíneos e gerar uma pequena poça subcutânea de onde bebem. No caso de *Calyptra thalictri* (Borkhausen, 1790), foi observado que podem penetrar até seis milímetros abaixo da pele e permanecer se alimentando por até uma hora (PLOTKIN & GODDARD, 2013). Assim, a existência de hematófagos (Figura 4) nos lembra o quão versátil a evolução pode ser: adaptações inusitadas que alteram hábitos tradicionais para aproveitar novos recursos.



Figura 4. Caricaturas de uma mariposa vampiro e do mosquito-tigre [*Aedes albopictus* (Skuse, 1894)], originário do sudeste asiático, conhecido como espécie invasora em diversos continentes. Fonte: ChatGPT (a partir de prompt dos autores).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura europeia, os vampiros existiam antes que se conhecessem os morcegos hematófagos. A coincidência de encontrar um animal real que bebe sangue fez com que, tanto os morcegos que chupam sangue quanto os outros, fossem associados ao vampirismo até hoje. O que podemos ver é que, além de terem uma história fascinante, os morcegos hematófagos têm grande importância ecológica e fazem parte dos sistemas naturais. E lembrem-se: os vampiros reais são latinos, tão latinos quanto tacos e feijoada.

REFERÊNCIAS

- BARQUEZ, R.; PEREZ, S.; MILLER, B. & DIAZ, M. 2015. *Diaemus youngi*. **Lista Roja de especies amenazadas de la UICN** [on-line]. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/es/species/6520/21982777>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.
- GREENHALL, A.M. 1972. The biting and feeding habits of the vampire bat, *Desmodus rotundus*. **Journal of Zoology** **168**(4): 451-461.
- HARRISON, R.E.; BROWN, M.R. & STRAND, M.R. 2021. Whole blood and blood components from vertebrates differentially affect egg formation in three species of anautogenous mosquitoes. **Parasites & Vectors** **14**(119): 19 p.
- KWON, M. & GARDNER, A.L. 2008. Subfamily Desmodontinae. In: Gardner A.L. (ed.). **Mammals of South America, Volume 1, marsupials, xenarthrans, shrews, and bats**. University of Chicago Press, p. 218-224.
- LECOUTEUX, C. 2005. **História dos vampiros: autópsia de um mito**. Tradução: Álvaro Lorencini. Fundação Editora da Unesp.
- LE FANU, J.S. 1872. **Carmilla**. British & Colonial Publishing Company.
- MEEHAN, P. 2014. **The vampire in science fiction film and literature**. McFarland.
- MICHEL, A.J.; WARD, L.M.; GOFFREDI, S.K. *et al.* 2018. The gut of the finch: uniqueness of the gut microbiome of the Galápagos vampire finch. **Microbiome** **6**(167): 14 p.
- PLOTKIN, D. & GODDARD, J. 2013. Blood, sweat, and tears: A review of the hematophagous, sudophagous, and lachryphagous Lepidoptera. **Journal of Vector Ecology** **38**(2): 289-294.
- POLIDORI, J.W. 1819. **The vampire; a tale**. Sherwood, Neely & Jones.
- SIMMONS, N.B. & CIRRANELLO, A.L. 2025. **Bat species of the World: A taxonomic and geographic database. Version 1.9** [on-line]. Disponível em: <https://batnames.org/>. Acesso em: 15 de setembro de 2025.
- SONG, S.J.; SANDERS, J.G.; BALDASSARRE, D.T. *et al.* 2019. Is there convergence of gut microbes in blood-feeding vertebrates? **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences** **374**(1777): 1-10.
- STOKER, B. 1897. **Dracula**. Archibald Constable and Company.
- VOIGT, C.C. & KELM, D.H. 2006. Host preference of the common vampire bat (*Desmodus rotundus*; Chiroptera) assessed by stable isotopes. **Journal of Mammalogy** **87**(1): 1-6.
- WILSON, D.E. & REEDER, D.M. (ed.). 2005. **Mammal species of the World. A taxonomic and geographic reference**. 3 ed. Johns Hopkins University Press.



Publicado em 26-04-2026
DOI: 10.5281/zenodo.19800947

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>